

Publicado em:

Periódico Héstia

Curitiba, V.3, N.1, 2019

www.periodicohestia.org

Leitura Criacionista da «Síntese Filosófica» de Leonardo Coimbra

Leitura Criacionista da «Síntese Filosófica» de Leonardo Coimbra

Robert Martins Junqueira¹

“Aventuramo-nos a pensar (...) que poderá existir outra política, que não a do interesse próprio, ou melhor, que os cristãos têm outros interesses, que não requerem, mas sim excluem, o *canibalismo* internacional.”²

Introdução³

Esta leitura pode ser considerada a de uma peça política. A sua proposta passa por convidar para o diálogo e fomentar o debate sobre aquilo que é um entendimento da realidade: o que é estabelecido, de um modo dialético, por via da relação entre o pensamento e o não-pensamento. A especificidade de tal entendimento do real é subjacente à letra d’*O Criacionismo*, tese produzida, em 1912, por aquele que pode ser aclamado como o mais importante filósofo português da primeira metade do século XX, Leonardo Coimbra (1883-1936). A filosofia deste, aliás, não procura apenas regular o conhecimento da realidade, que “é noção”, mas constitui-la.⁴

¹ Curriculum Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/761A-88F4-6066>

² Vladimir Sergeyevich Solovyov, «Morality, Politics & the meaning of Nationality», em *A Solovyov Anthology*, ed. S. L. Frank (London - Beccles: William Clowes and Sons, 1950), 192. “We venture to think (...) that there may be other politics than those of self-interest, or rather, that Christian people have other interests, which do not require and indeed rule out international *cannibalism*”.

³ Agradeço, pelas leituras atentas e pelos comentários generosos, que em muito enriqueceram este artigo, a Hili Razinsky e a Luiz Alberto Thomé Speltz Filho.

⁴ Cf. Delfim Santos, «Prefácio», em *O Criacionismo (Síntese Filosófica)*, por Leonardo Coimbra (Porto: Livraria Tavares Martins, 1958), IX.

Pode dar-se o caso de um leitor considerar que se promove, com este documento, uma distinção absoluta entre *ação* e *pensamento*. Se assim for, o presente texto poderá soar-lhe inútil, perdendo a sua aura providencial, que é acesa no contexto das causas e dos conflitos atuais da realidade política mundializada. Ação e pensamento são indissociáveis, tanto mais que a realidade vai a ser constituída por *ação do pensamento*, se bem que nunca alcançando a moderníssima *totalidade*, (i)limitando-se na *configuração da experiência*, cujo verbo é o *não-cessar*, em indomável ritmo de metamorfose.

Há recomendações que não são próprias para prazos de validade, e o que floresce nos jardins herdados do dulcíssimo professor Delfim Santos (1907-66), cujas palavras me iniciaram nos estudos leonardinos, são coisas como esta: uma sondagem — descolando em terras de amor, como são as da “Síntese Filosófica” — da obra de Leonardo, num magnetismo inaugurado, especialmente, por entre as páginas de “Deus e as Mónadas”, nas quais o leitor assistirá ao filme da elevação e do aprofundamento de um entendimento surpreendente da comunicação, e ao desenvolvimento filosófico de uma linguagem comum a todas as mónadas.

Neste artigo é reafirmada a comunicação amorosa, via para a afirmação das mónadas como livres criadoras de realidade. Essas liberdades são sustentadas pela lei universal do progresso, impulso que ainda não parou de fomentar tempo, e que levará, sempre numa perspectiva otimista, à exaustão da experiência, isto é, à realização da unitotalidade, muito para além da humanidade e dos seus sonhos, tal como de uma vivência que não encontra paralelo senão naquilo que, na insuficiência da especulação, se conseguiu chamar de Deus, isto é, uma Pessoa Integral, ou Pessoa Moral-Cósmica Coletiva.

Realidade e Pensamento

O pensamento ampara e afirma a realidade, mas algo resiste: é o não-pensamento, a exigir que o pensamento, em ação progressiva, elabore. A realidade vai a ser reestabelecida, apesar das permanentes rebeliões, que, num primeiro momento, surgem como aquilo que é engendrado em meio às próprias energias do ativismo dos processos do pensar. Sob a capa da filosofia criacionista, a realidade não é senão o resultado constante do fluxo de progresso da comunicação amorosa entre as mónadas, que são outra coisa que *meros indivíduos* e as suas *relações interpessoais*: são os elementos daquilo que é a condição delas mesmas, isto é, da Pessoa Integral e do seu caráter *in fieri*.

A realidade é, simultaneamente, o produto e a origem da *agência dialética do pensamento*. Há um contacto, um processo de socialização, entre as mónadas, que é atualizado por ação do progresso, tal como pela continuidade que a mesma imprime na realidade. Em última instância, a realidade pertence a cada qual, resultando de ou sintetizando a relação sonora, se bem que impenetrável, entre pensamento e não-pensamento, entre as relações sistemáticas e o seus conteúdos, por um lado, e os sentimentos e as perplexidades, por outro. O pensamento trata da disposição da realidade por um dinamismo de apropriação e redução, nomeando coisas, determinando as leis da natureza ou, até, inventando memórias. Trata-se de uma dinâmica que se segue de um desenvolvimento dialético de noções científicas, que só encontrará o seu fim no face-a-face com o irreduzível: uma noção última, superior e sintética, do âmbito da revelação.

Há que concluir algo mais que a realidade, uma vez que a reflexão filosófica se tenha dedicado ao tratamento das emergências na esfera da dialética das ciências. Trata-se de uma oportunidade filosófica que ultrapassa (mas inclui) o domínio dos caprichos táteis da inteligência (a unidade administrativa da mente), sempre ansiosa por algo para *coisificar*, na sua ambição desconcertante de instituir, sob um prisma parcial, uma síntese final, suprema, por via da ereção da realidade cardeal, quer graças a uma qualquer âncora teórica, quer à desconsideração de que uma realidade não é tudo aquilo que é ou pode ser.

Não há realidade fora do pensamento, como se fosse realizada independentemente das dialéticas das ciências e da filosofia. As primeiras, acabam no real, que é onde a segunda inaugura as suas buscas. Há alguém capaz de apresentar boas razões para que se entenda que algo é, independentemente do pensamento, da sua autoridade e ocupações de elaboração, absolutamente determinado? Não se trata de uma oferenda repleta de mistério, a do Universo, tal como a das suas relações? Haverá, *subjacente*, algo outro que os fenómenos?

Admita-se: considerar a realidade como *dada* é agoiro, empresa metafísica; e não tem nada de mal, se bem que é um erro, quando se abusa do seu poder. Porque é criação, arranjo, plano, algo de desígnio, de propósito, a realidade tem valor: é uma exigência, em vista à categorização das ciências. Contudo, tal não pode ser a última palavra no que diz respeito às atividades da filosofia, porquanto é *aí* que as mesmas começam, e querer que por *aí* terminem é, mesmo que de boa-fé, censura, redução e erro. As ciências desempenham o seu papel na criação da realidade, mas não esgotam as atividades criadoras. Não dar o grande salto em frente, da dialética científica

para a filosófica, é deixar o pensamento morrer na praia, tal como deixar ao abandono a dialética do sentimento.

As ciências não pecam, uma vez que não passam de meios. O problema é de uso e de entendimento. O discurso científico é utilizado como disfarce para estabelecer abordagens redutoras da filosofia. A coisificação — que produz conclusões motivadas por um espírito exclusivista, que não promovem o progresso de uma comunicação amorosa entre as consciências — deve ser evitada, quando não enfrentada, pelo que os filósofos criacionistas estão determinados a pensar, livremente, em termos de um só sistema. Para evitar cair nas ou representar as garras dos coisismos, há que fazer uma experiência filosófica: a supressão das fronteiras entre as ciências. Tais limites dividem o Universo numa variedade de subsistemas, sem que por isso as relações entre as ciências e o momento filosófico do pensamento se tornem menos orgânicas e essenciais. Aqui, não se vislumbra maneira de colocar em questão o valor e a importância das ciências, seres mentais de caráter precário, que nunca poderão esgotar a realidade, e ainda menos a experiência. Se a parafernália científica é, um pouco por toda a parte, sobrevalorizada, são as ciências as primeiras vítimas de tal orgulho e arrogância, que consiste mais em *coisar* do que em *pensar*.

Os filósofos criacionistas, que evitam assemelhar-se a papagaios, retificam o papel das ciências, tal como a compatibilidade entre os sistemas que as mesmas forjam, e excedem, ao suporem tudo como um só sistema, essa dimensão do pensamento, iniciando a marcha metafísica da abertura, que não trará resposta definitiva para as grandes questões do pensamento, mas a sua prorrogação. Ativistas criacionistas, peregrinos da metafísica, especulam — e é, assim, que desenvolvem as suas atividades filosóficas, cientes de que as ações

devem vir da “originalidade íntima” de quem age, pois, de outro modo, não serão atos de vida, de expressão contagiante da vida, de “real e efectiva convivência”⁵ — sob o manto das atividades livremente religiosas, de modo a colaborarem para um fim abençoado, no que diz respeito às buscas por uma linguagem comum entre as mónadas. Em sede leonardina, os filósofos aprendem a abraçar as noções das ciências, mas também aquelas que são, por estas, rejeitadas, pelo que coordenarão uma síntese extrema das variadas noções, e ultrapassarão a órbita do positivismo, intercedendo, de facto, na configuração da realidade, mediando, inclusivamente, a sua ordenação.

As Consciências ou Mónadas

Por impulso de um entendimento criacionista da filosofia, bem longe dos exclusivismos impostos pelo pensamento científico, a pessoa autoapreende-se, enquanto mónada, *na Pessoa Integral*. Tal é o momento metafísico por excelência, porquanto é o da reunião com uma sociedade de atividades em excesso permanente, no ventre do Universo. As “obras das inteligências” que mantenham os pés na terra, isto é, “bem assentes na realidade”, aliadas às imaginações, que voam desprendidas “das mortas associações tradicionais”, podem ser, do ponto de vista da sociedade, eficazes, pois, “é pelo pensamento que se dinamizam os sentimentos”, que são “a tonalidade afectiva dos

⁵ Leonardo Coimbra, «O problema do ensino secundário», em *Obras Completas*, por Coimbra, vol. VI (1924-1934), Colecção Pensamento Português (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010), 386.

pensamentos”, e é no sentimento que está o “dinamismo dos fenómenos sociais”⁶.

A realidade, limitada ao âmbito do pensamento, deve ser interpretada, por via da livre especulação, para cá e para lá de si mesma, e aquele, pelos meios que lhe garante um sistema filosófico conhecedor das ciências, começa a alargar e aprofundar as vias do sentimento, servindo de alimento à dimensão estética, que promove a beleza e a verdade, tal como os avanços do amor, sob a direção impressa à Criação pelo músculo de Deus, isto é, o ritmo desenfreado do progresso. Por conta de um excesso permanente de amor, que resulta na digestão estética do fluxo representacional das consciências, a experiência desenvolve-se no sentido da diluição amorosa de todos os limites. O criacionismo filosófico está preocupado com a "história do futuro", pois, todos os períodos fazem parte da mesma *fição* (num sentido apreciativo). Poderemos alegar que, no fim das contas, todas as consciências serão capazes — e sê-lo-ão necessariamente, pois, é uma tarefa, para as liberdades da atitude criacionista, determiná-lo — de descansar na perpetuidade da única ordem equitativa, justa, global e eterna, completa: o socialismo integral, que é a marcha inaugural (e sem término) da representação divina, ou realização cósmica do Amor.

Não há lugar para considerar a consciência como uma lacuna oca de uma cavernosa evolução natural, como se fosse apenas uma “qualquer coisa” no mundo. Consciência é a dignidade especial da Pessoa e a sua experiência é axiomática, a tender à elevação em termos de excelência moral. Na antiguidade, não se distinguia entre o

⁶ Leonardo Coimbra, «A Questão Universitária (Discurso Parlamentar)», em *Obras Completas*, por Leonardo Coimbra, vol. IV (1919-1921), Coleção Pensamento Português (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007), 34.

plano das coisas e o das pessoas, se bem que “as coisas” não eram entendidas como inertes, isto é, à moda do tecnicismo da modernidade, e “as pessoas” não eram entendidas como almas transcendentais, à moda da cristandade.⁷ “Quando os oprimidos se revoltam, suportando incríveis privações, não é o amor comum, a solidariedade da miséria, a dor individual transcendentalizada, que os sustenta?”⁸. Nenhuma realidade é mais verdadeira e plena que a Pessoa, a vida consciente na sua manifestação plena.

Antes, durante e depois de dedicar-se a uma profissão (médico, pedreiro, escritor...), é-se gente, pessoa, no sentido de liberdade, dignidade humana, consciência que se ofende quando a “dimensão espiritual”, de natureza “incomensurável com todo o Universo físico”, é forçada ao “plano da matéria”.⁹ A consciência, experiência de continuidade da vida, que conduz ou dirige a matéria, pode não ser outra coisa senão o paroxismo da penetração na realidade, a vasca, última e irredutível noção. De maneira incessante, dão-se espasmos, e as liberdades nascem. Há um apelo a ser feito aos filósofos, para que não pensem numa só consciência, uma vez que o sentimento, que é a ideia integral e viva, só adquire realidade conquanto exista contacto e comunicação entre variadas consciências.

Tudo aquilo que canaliza a matéria chama-se “mónada”, quer se trate de uma pequena faísca, ou da alma mais profunda. As mónadas realizam as suas manobras por via da comunicação, e agem em função dos determinismos de uma realidade fundamentalmente

⁷ Cf. Coimbra, «O problema do ensino secundário», 385.

⁸ Leonardo Coimbra, *O Criacionismo (Síntese Filosófica)* (Porto: Livraria Tavares Martins, 1958), 94.

⁹ Cf. Coimbra, «O problema do ensino secundário», 387.

mecânica, ferramenta elementar e irreduzível para a ação, sem a qual as mónadas estariam pura e simplesmente seladas, em perfeito isolamento, a subsistir sem necessidade de uma linguagem pública ou comum, que, na verdade, funciona para que seja possível a continuidade no planeamento de ajustes na sucessão dos encontros e no devir dos relacionamentos, isto é, para alimentar uma tendência ou um ritmo de sistematização da concórdia entre as consciências. Sem os instrumentos da mecânica, as mónadas estariam condenadas ao cativeiro, a uma radical *mais que alienação*, e a uma aflitiva escuridão.

As mónadas possuem e são possuídas pelo excesso, apresentando-se com energia bastante para prever e preparar a ação. Não vivem no mero presente, ou numa corrente constante de “mesmice”, mas num passo encorpado de adaptação e herança. As exceções são as mónadas (ainda) não desenvolvidas: gente de pedra, mulheres de mármore, homens de betão, corações de ouro, olhos de vidro... calhaus à beira-rio. As mónadas socializadas são abertura constante, que assumem a dianteira na corrida da matéria, confinada ao presente, para a liberdade, o ponto permanente, vivo, de excedente criativo. Toda a matéria devém vida: eis a libertação que presta socorro às noções, com respeito às suas materialidades, e o refinamento progressivo que assiste às liberdades, sob a certeza de que a todas as noções toca “a realidade, (*sic*) que de direito dialéctico lhes pertence”¹⁰.

Quanto mais livres forem as mónadas, mais estáveis serão, menos resistentes ao amor (menos *coisadas*, como diria a gramática aberta), e mais seguro será o seu seguimento pelo justo rumo em direção à compatibilidade entre as atividades. Para as mónadas, não há maior liberdade do que na realização da dialéctica estética (arte e

¹⁰ Leonardo Coimbra, *O Criacionismo (Síntese Filosófica)*, 71.

religião), que as liberta do aprisionamento no presente, leva à dispersão da atualidade absoluta, e as salva de serem reduzidas a atividade, sem eco nem aspiração, do sistema que, a bem-dizer, dirigem. No que respeita à configuração humana das mónadas, pense-se no que se passa ao beijar e decidir, a rezar e a cantar, em pleno *kairós*, a bordo do infinito, como se fosse uma cura... A religiosidade é um remédio para a mortalidade: é uma garantia para a eterna presença da experiência. A perda da atividade da mónada não está contida na morte. Aliás, as mónadas podem relacionar-se — e até dirigir ou controlar, é uma hipótese — qualquer matéria, em qualquer idade.

Onde ou quando se der o caso de haver uma maior atividade de síntese, haverá uma maior liberdade de consciência, a vagar pelo momento da sua irreversível fusão com a lei, o máximo de liberdade, a mais profunda e aberta determinação das mónadas no sentido de dar uma resposta aos estímulos do progresso, que as transporta em direção à assídua produção da realidade, bem como as leva a participarem da mobilização dialética para a manifestação suprema e eterna do conjunto ou assembleia solidária, relativamente à qual cada consciência é uma parte crítica, necessária e indispensável. A sociedade das mónadas realiza, necessariamente, o seu processo de crescimento, até ao momento de encerramento, em que «todos os botões se abrem», isto é, até que haja a comunhão integral das consciências. Até mesmo os espaços, que as «não realizações» ou os «fracassos» de comunicação produzem, ainda, entre mónadas, estão preenchidos (absolutamente ocupados) com amor. O que é essencial, é *não coisar*, e é forçoso superar o pensamento meramente tátil e muscular.

Quanto mais livre, mais «à solta», está a mónada, mais ela cria (menos ela *coisa*), e mais elevado é o grau de realidade inventada, tal como maior é o progresso na racionalização de oposições sensíveis. Assim, quanto menos fraturada for a comunicação entre as mónadas, menos resistência à familiaridade religiosa se verificará, e a subsistência da unidade e da realidade da mónada será mais estável. “Uma mónade precária é exactamente aquela que se esteriliza e esgota no acidental imediato. A sua existência é dum apagado ritmo, vibrando ao sabor das oposições”¹¹. Só a síntese é real: quanto maior a atividade de construção, maior será a unificação das oposições (mente-corpo, ideia-matéria, criação-coisa); quanto mais ritmo, maior o excesso de ação, tal como a realidade das mónadas, e a sua expansão será mais livre.

Na sociedade das mónadas, a realidade é entendida pela síntese dos ritmos associados, da diferença, da pluralidade de ritmos pela medida do tempo. Há um privilégio das mónadas superiores, no que diz respeito aos instrumentos de ação, relativamente às mónadas de “excesso nulo”, que se localizam num presente que é, indiferentemente ao dia e à noite, de ação igual à reação, mera afirmação de ser, enquanto habitam aquela que é a esfera limitada no interior dos contornos do sistema que controlam, quero dizer, os seus próprios corpos. As mónadas superiores (de livre excesso de ação) têm tempo, desde o mínimo presente — aquele que mais resiste à comunicação — até ao interminável da sua própria liberdade ativa, que progressivamente unifica os momentos inferiores e de reação. As mónadas superiores são marcadas por um suplemento contínuo da vida moral, como se uma pequena e pálida luz se ampliasse para inundar o horizonte, de modo a ocupar a imensa noite do universo

¹¹ Leonardo Coimbra, *O Criacionismo (Síntese Filosófica)*, 153–54.

com a sua atividade, isto é, amor, luminosidade e calor. As mónadas também têm um espaço, afirmando a sua possível ação.

O espaço será, em cada mónade, o limite da sua clara visão e do seu leal amor; será, em si, a solicitação do amor infinito, pois é a imensidade fria da exalação de sonho e carinho, para que os lugares de tempestade sejam um dia luazes de fraternidade e ternura.¹²

No que diz respeito ao jovem Coimbra, a harmonia devém, *in fieri*, sem lugar para uma compreensão do espaço como uma realidade absoluta ou, como queria Leibniz, como a ordem da existência das coisas. Como temos escutado até agora, essa ordem ainda deve ser feita, sob a responsabilidade da dialética de cada consciência, já que a construção de tal ordem é um caso totalmente coletivo de *faça você mesmo (também!)*. É isso que o entusiasmo e a fé, como se arrastados por uma fada invisível, têm para oferecer, como combustível, às asas da gentileza, voadoras, sacudidas pelo vento, transpostas para a eternidade, tal como a própria morte, que é amada na infidelidade, levada a cabo sob a letra dos beijos recebidos da língua que articula *a imortalidade da alma*: a justiça humana, a aspiração ao futuro, o envolvimento da mónada religiosa no vasto coração divino, e no dom das suas atividades, oceânicas e generosas, que são bem-sucedidas num espaço infinito, e de amor sem fim, inesgotável e incessante, eternamente fraterno.

Estamos perante a dimensão da qual emerge o pensamento, que cria a realidade. O infinito criacionista é um caso singular: é irracional, porque é imune à comensurabilidade que as ações são capazes de realizar, e encontra obstáculos ineficazes, ou até nenhum. Como é o sustento de todo o universo, é a morada do processo

¹² Leonardo Coimbra, *O Criacionismo (Síntese Filosófica)*, 156–57.

contínuo de suprimento de alimento para as próprias raízes do pensamento. É o que liberta o pensamento, de modo a que o seu trabalho de coordenação sobre a realidade seja desenvolvido. Tal infinito é a fonte, ou o berço de tudo, e é desconhecido, mas sente-se, como se existissem umas ondas que afetam e — mais do que afetam — amam tudo e todos.

Um simples, mas cândido e íntimo, pensamento de amor ergue os lábios num sorriso espiritual; faz correr, pelos meandros da fisionomia, regatos de oculta ternura; levanta o montanhoso peito. O amor infinito é essa fonte originária, que ergue e sustenta todo o Universo. Não é anterior, nem posterior às mónades; mas seu contemporâneo, o seu profundo motivo e valor de acção.¹³

Criação

O mundo é criado por criaturas, e todo o tempo não passa do momento metuculoso da Criação. A vida é o processo de apreensão do amor por parte das consciências, e o amor compreende, progressivamente, todas as mónadas. Cada singularidade participa da produção do espetáculo da Criação, da expansão do Universo, da elevação da matéria pelos canais da vida. Cada consciência é uma noção, um momento dialético no pensamento de Deus. Sob a perspectiva filosófica criacionista, pode até dar-se o caso de que a Criação tenha chegado a um desfecho, e estejamos revive-la, na memória inventiva de Deus. O caráter *in fieri* do cosmos não é diferente do *caminho* do Universo, rumo à superação das debilidades do Ser, no sentido da plena realização da Pessoa Integral. Existe

¹³ Leonardo Coimbra, *O Criacionismo (Síntese Filosófica)*, 163.

algum paradoxo no que diz respeito à promessa desta ordem autêntica? Não vai começar do zero, afinal, no preciso momento em que não haverá mais nada a ser feito? Contempla-se a possibilidade do paraíso, a localização da origem (no fim), a utopia, o socialismo sem máscaras.

Uma sociedade ideal de mónades livres e amorosas, eis, o que é lícito desejar-se e até supor-se desde já realizado. Sociedade aberta a todas aquelas almas que atingiram a divina altitude do puro amor, que é a perfeita liberdade.

Para essa sociedade aspiram todas as mónades, e todas terão o direito e a possibilidade de a conquistar. *Essa possibilidade é o próprio Deus*, a infinita actividade de bem, sempre pronta e dadivosa. E, a altitudes divinas chegadas, as mónades serão absolutos desejos de Deus, imortais e perfeitos no seu amor.¹⁴

Depois de uma elevação, em espiral, de abraços cada vez mais amplos, o caminho das consciências é a volta a elas mesmas. Tendo realizado a autoapreensão de mais vida, tal como de mais extensão, num espaço inundado pela infindável sementeira de sonhos, tais consciências estão destinadas a regressar à dimensão integral da experiência, como noções irredutíveis no sistema perfeito do pensamento de Deus. Pode parecer estranho adotar conscientemente uma atitude otimista em relação ao problema cosmológico do progresso, tanto mais que a esperança pertence a um momento extremamente frágil da dialética do sentimento. Ferir a esperança é rapidamente debilitante, mas a mónada deve resistir aos “golpes baixos”, e exercer ativamente a liberdade, para ser melhor em consentir interiormente, inclinando-se à harmonia universal, explorando a linguagem da realidade (espaço e tempo), libertando,

¹⁴ Leonardo Coimbra, *O Criacionismo (Síntese Filosófica)*, 170–71.

assim, a vontade da prisão de um tempo existente por si mesmo ou em si mesmo, sob a ótica cega da coisificação.

A noção criacionista de tempo está ligada ao ritmo ativo da pluralidade de mónadas, determinadas a realizar a sociedade ideal. O tempo é, tal como o espaço, *a priori*, uma forma do pensamento e de toda a ação criativa. O destino inevitável do ato de Criação, para o qual todas as ações, necessariamente, tendem, deve ser reforçado, isto é, tido como oriente moral, objetivo de todas as atividades conscientes. O alvo da Criação é a sociabilidade universal ou, idealmente, o socialismo integral, o que representa o lucro equitativo de uma dimensão cósmica para as ações, a boa sorte de agir sob a orientação da assimilação irreversível da cevada espiritual, a completa metabolização do espírito, a personificação cósmica da mónada religiosa. Nutrir sentimentos religiosos significa: ter subido a um nível de socialização absoluta do pensamento, tal como ter aberto uma janela para a metafísica. *Llegó el tiempo del quijote* — ou, o momento romântico chegou. Há uma ocasião para saltar em direção ao ponto em que é adequado, para cada um, saber-se representante do todo, não uma mera (muito menos uma *mera*) parte de uma harmonia pré-estabelecida. *Vem aí*, poderia dizer um leitor criacionista.

No socialismo integral, as consciências são/ serão intuições puras, aproveitando o repouso a bordo de um *fiat* que “não mais precisará de combustível”, pois, o amor realizado será suficiente para o seu movimento, para transportá-las por toda a eternidade, sem encontrar mais resistência, no fluxo de excesso permanente de amor, ou liberdade absoluta.

A construção do socialismo depende da realização plena, por parte da pluralidade de consciências ou mónadas. A realização plena dos ideais ocorrerá quando a vontade cega de viver dos seres

biológicos — vendada, *inter alia*, pelo excesso de luz artificial, imposto *à custa* das ciências — for ultrapassada pela vontade religiosa de consentimento, o que imprimirá, de uma vez por todas, o fluxo dinâmico de solidariedade na complexificação dos motivos da ação moral. A filosofia é o veículo que conduzirá a essa superação. Afinal, o pensamento ergue a realidade cientificamente, e coordena-a filosoficamente. A filosofia é, fundamentalmente, metafísica criacionista: o exercício da especulação livre e a promoção da ação do pensamento que se pensa a si mesmo, de modo a otimizar ou atualizar os vetores que ordenam as ações.

